

ASTRID CABRAL

ÍNTIMA

*fuligem*

VALER  
EDITORA

**A** sugestão para a leitura de *Íntima fuligem* é acompanhar as suas balizas. O livro está dividido em partes, por exemplo, a primeira chama-se “Solidão por companheira”, que alude à: “Na solidão solitude, / na solidão entrei”, de Mário de Andrade. O poema de abertura chama-se “Coração em réquiem”. Enquanto lemos, ficamos em suspenso e, no seu final, respiramos bem forte, permitindo que o oxigênio penetre no cérebro e dê normalidade ao nosso corpo, tal a força e a beleza, que encobrem a tragicidade da condição humana. Nele, estão os versos finais: “Sepulcro de pétalas / o jardim de ontem”.

O grupo de poemas reunidos em “Solidão por companheira” é dedilhado sobre notas de solidão, conforme o título: dor, ausência, o nada, mudez. Trata-se, por sua vez, da solitude, própria para a criação. Sem companhia, com a partida de tantos que partilharam o seu convívio, a companheira constante é a poesia.

É na ausência, que é de tudo, porque tudo traz o seu vazio e a sua plenitude, que Astrid Cabral desenha os seus versos ou modela a Palavra. Esse é um dos argumentos usados nas nossas lutas constantes para preenchermos o vazio que nos empesta, mas infelizmente não é para todos. E ela traz um recurso que é seu, de Miró, de Kandinsky, dos palhaços, de alguns jogadores de futebol, como exemplo, Ronaldinho Gaúcho, na sua passagem pelo Barcelona, que tirava suspiros, risos, aplausos e crônicas de bons autores. E que muitos diziam: *é um garoto brincando em campo!* E se muitas das nossas capacidades são perdidas ou reduzidas na velhice, abre-se, como recompensa, a porteira da infância. Então, pergunta-se: Somente pode escrever poemas aqueles que a infância se recusou a deixá-los?



ASTRID CABRAL

ÍNTIMA

# fuligem

• CAVERNA E CLAREIRA •

*Ao bom amigo Soares Feitosa, com  
muitas saudades. Afetuosamente,*

*Astrid  
Rio, 17.2.2020*

**VALER**  
EDITORA

Copyright © Astrid Cabral, 2017.

Editor Isaac Maciel

Coordenação editorial Terezo Telles • Neiza Teixeira

Capa e Projeto Gráfico Maysa Leite

Montagem/Ilustração [verso da capa] Mariana Félix – a partir de pintura de Laíse Telles

Revisão Núcleo de editoração Valer

Normalização Ycaro Verçosa

C1171 Cabral, Astrid.

Íntima fuligem: caverna e clareira. – Manaus: Editora Valer, 2017.

192 p.

ISBN 978-85-7512-846-6

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.

CDD 8869.15

22. ed.

2017

Editora Valer

Av. Rio Mar, 63, Conj. Vieiralves – Nossa Senhora do Socorro

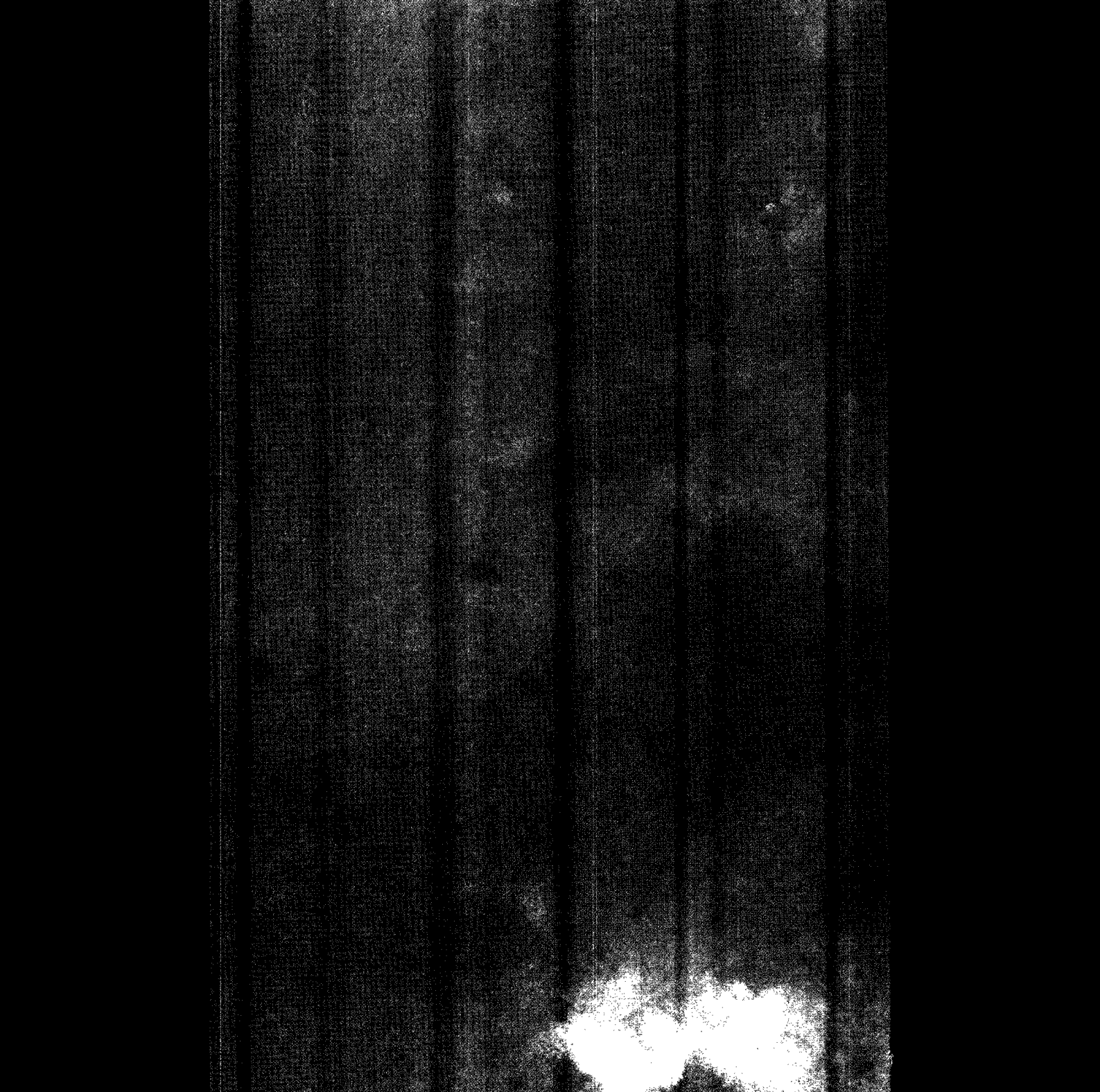
69053-180, Manaus – AM

Fone: (92) 3184-4568

[www.editoravaler.com.br](http://www.editoravaler.com.br)

Nunca desembarcamos de nós  
– Fernando Pessoa – *Livro do Desassossego*

Para a amiga Helena Ferreira, que, por mais de sessenta anos, acompanhou minha trajetória com extrema dedicação.



## • SUMÁRIO •

<b>Prefácio</b> – Alexei Bueno	<b>13</b>
<b>ÍNTIMA FULIGEM</b>	<b>21</b>
<b>Solidão por companhia</b>	<b>22</b>
Coração em réquiem	23
De asa quebrada	24
Solidão	25
Tudo é nada	26
Das solidões	27
Adeus verde	28
Corpo	29
Futuro à míngua	30
Contraditórios	31
Alucinante voo	32
Como ser outra?	33
Novo endereço	34
Aonde?	35
Coleção de fantasmas	36
Tatuada de sombras	37
Gerindo a solidão	38
Exílio	39
Saudade/solidão	40
No descampado da alma	41
A difícil revisita	42

Vinte desaniversários	43
<b>Vizinhança do mistério</b>	<b>44</b>
Mar sem margem	45
Descoberta	46
Lição	47
Pequenez	48
Ilhas invisíveis	49
Arcaico segredo	50
O encontro	51
Futuro	52
Olho grande	53
Pergunta primeira	54
Segunda pergunta	55
Alforria	56
Sonhando para trás	57
Clarividência	58
Radiografia	59
Marcha à ré	60
Questão de poder	63
Exótica estripulia	64
Autodefesa	66
Do térreo ao etéreo	67
No alto azul	68
As crianças de Lullaillaco	70
<b>Arredores da morte</b>	<b>72</b>
Véspera de violetas	73
Quando o rio vier	74
Parentesco cósmico	75
Prévia	76
Instrução oportuna	77
Perto dos cem	79



Derradeiras proezas	80
Rumo ao porto	81
Tarefas	82
Desenlace	83
A viagem do embaixador	84
Nenhuma asa cortada	85
Esqueletos	86
Quedas	88
Tempo de ser sábia	90
Atestado de óbito	91
Administrando a velhice	92
Tríptico da velhice	93
Pequenas esperanças	96
Entre lençóis	97
Fim de festa	98
O restante protesto	99
Descompasso	100
Violetas sobre mim	101
Pequena série de grinaldas	102
I – Ritual de ressurreição	103
II – Amiga Lélia Coelho Frota	104
III – Troca de esperança	105
IV – Presentes de Lélia	107
V – Lucy in the sky	109
VI – Preto a Nilto Maciel	112
VII – Sabedoria de Ivan Junqueira	113
<b>Longe das sombras</b>	<b>114</b>
Retrato	115
Conversa com o espelho	116
Definição	117
De frente	118

Poder/despoder	119
Rito de passagem	120
Walden	121
Tristeza	122
Cenote	123
Dor	124
Apelo	125
Bicho raro	126
Rainha do lar	127
Pretensão	128
Balancete	129
Hierarquias	130
Cautela	131
Malogro	132
De escudo	133
A flor murcha	134
Ruínas	135

**Coração malabarista 137**

Ímpar malabarista	138
Atração	139
Lição de adolescência	140
Deserto doméstico	141
Em terna vizinhança	142
Amor cacto	143
Segredo	144
Precaução	146
Certos amores	147
Coração mar	148
Fusão	149
Clímax	150
União	151

Milagre	152
Encontro sem data	153
Amor algema	154
Frente a frente	155
Naquele verão	156
Amor recolhido	157
Vale a pena crer	158
<b>Arremedos de alegria</b>	<b>159</b>
Vida de fato	160
Pesos da vida	161
O fogo da vida	162
Recurso extremo	163
Vegetal	164
Proximidade	165
Fratura de alívio	166
Mulher	167
Sugestão:	168
De mão beijada	169
Vento	170
Os ventos	171
Exercícios de finitude	173
Lonjura de estrelas	174
De olhos fechados	175
Surpresa	177
Plenitude	178
Olhar à distância	179
Anjo na rua	180
Declaração de amor	181
<b>Uma mensagem em azul – Tenório Telles</b>	<b>182</b>



## • PREFÁCIO •

Alexei Bueno

*J*ntima fuligem, de Astrid Cabral – um dos grandes nomes da poesia brasileira – tem como subtítulo muito exato “Caverna e Clareira”, um esboço da inextricável mistura de luz e de sombra que percorre seus poemas, que percorre todo o universo criado, que percorre tudo. Trata-se de um livro onde a velhice guarda um papel central, o que não tem qualquer ligação obrigatória com a idade de sua autora, antes nasce daquela percepção da desapareição de quanto nos cerca que se impõe a qualquer indivíduo consciente, às vezes de maneira muito precoce, mas de forma incontornável lá pelos arredores da quarentena, a menos que uma ligeiríssima e feliz parvoíce o poupe disso. E é da vida que falamos, mais do que da morte, segundo a descrição do Machado de Assis de “Uma criatura”, em *Ocidentais*: “Sei de uma criatura antiga e formidável, / Que a si mesma devora os membros e as entranhas / Com a sofreguidão da fome insaciável.” E nessa gigantesca e ávida criatura, obviamente em lugar supremo, deparamo-nos com o Amor,

1 Alexei Bueno é poeta, ensaísta e tradutor. Autor de *As escadas da torre*, *A chama inextinguível* e *Uma história da poesia brasileira*.

em todas as suas formas, como tão bem nô-lo apresenta a autora, pois é sobre o “negro corcel” do imortal soneto de Antero, afinal de contas, que cavalga aquele “cavaleiro de expressão potente”. Se na caverna do subtítulo se acumulam todas as perdas inumeráveis, se na clareira, que surge ao seu lado, brilha, através da memória, a gloriosa luz da infância e dos momentos de plenitude vital, a fuligem do título, esse resquício dos resquícios, aparece em primeiro lugar.

Dividido em seis seções, *Íntima fuligem* se estrutura numa arquitetura precisa. “Solidão por companhia”, podemos dizer assim, inaugura-o pela consequência, não pela causa, a consequência de tudo quanto recordamos, a solidão. As imagens da natureza dominam todo o livro, desde esse início, mas com uma maior amplitude na parte final, uma parte que eleva catarticamente a obra a uma espécie de redenção, como se apenas a essa mesma natureza da qual provimos e à qual retornaremos pudéssemos, e só ela, tomar emprestadas as armas contra a sua própria trágica contradição. Esse vazio em volta, paradoxalmente, cria uma condição de liberdade, com afirma a autora em “Tudo é nada”;

.....  
Varo por avulsas matas  
de coral buscando luas  
nafragadas. Tudo é nada.  
Solitária como nunca  
sou órfã de toda amarra.

Mas essa liberdade não anula a carência, nem a espiritual nem a física, com a sua especificidade insubstituível e que a memória não oblitera jamais, como constatamos em “Das solidões” e “Corpo”. A inconformação da mais legiti-

ma natureza humana, perfeitamente *contra natura*, em relação às terríveis amarras com que a natureza muito naturalmente nos atou aparece, com admirável força, num poema como “Alucinante voo”. Já “Aonde” é uma elegia pungente à perda da juventude, essa catástrofe irreparável que só se percebe *a posteriori*. As desapareições – título, aliás, de um livro nosso, título mais inabalável que os de todos os outros – ressurgem em “Tatuada de sombras” e “Saudade/solidão”, enquanto “No descampado da alma” se revela como um comovido apelo à memória, e “A difícil revisita” uma antevisão da transcendência, que ressurgirá muito mais forte na sexta e última parte da obra.

“Vizinhança do mistério”, muito de acordo com o título, é o momento mais metafísico da poesia de *Íntima fuligem*, o que não impede que nessa mesma parte encontremos uma aguda e tristemente verdadeira percepção da nossa triste condição de seres gregários no poema “Ilhas invisíveis”, muito especialmente no seu dístico final:

Sabe-se de cor : dor mor  
é a dor de cada um.  
Cada qual sendo mártir  
em planeta à parte.  
Afinal a dor do próximo  
só de longe nos atinge.  
Alguém pode adivinhar  
a escondida dor alheia?  
Compartilha-se a visível  
mas só de cabeça fria.

Não fôssemos todos ilhas  
afundaríamos no mar.

Já “Sonhando para trás” é daqueles poemas que se interrogam sobre a absurda e aparentemente gratuita especificidade de nossa concepção e surgimento no Universo, tema, aliás, de um soneto admirável, crudelíssimo e pouco conhecido que se encontra entre os *Poèmes de jeunesse*, de Mallarmé, e que começa pelo verso “Parce que de la viande était à point rôtie”.

Já em “Radiografia”, em versos como os dos primeiros dísticos:

O não-possuído  
é o que nos possui.

E o não-vivido  
o que mais se vive.

.....

não há como não nos recordarmos do “Ela canta, pobre ceifeira”, do Pessoa ele mesmo:

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso!

.....

“Arredores da morte”, novamente fazendo jus ao título, trata muito especificamente da questão da velhice, própria ou alheia, e, obviamente, do tempo, em poemas admiravelmente comoventes como “Quando o rio vier” ou “Parentesco cósmico”, o que não impede a autora de chegar, em “Derradeiras proezas”, a um humor, um tragicômico humor, que nos traz à mente a brilhante série d’“Os velhos”,



de Alexandre O'Neill. Em "Tarefas", no entanto, bem como em "A viagem do embaixador" e "Atestado de óbito", e, de certa maneira mais sutil, em "Quedas", o tema tratado é o da inutilidade do esforço humano, um dos mais dolorosos, na nossa opinião, para quantos possuem o mau hábito de se debruçar sobre os abismos do nosso próprio absurdo. O humor no tratar da senectude que há pouco detectamos vem a desfazer-se em cruel realismo no "Tríptico da velhice", enquanto num poema como "Pequenas esperanças":

.....  
Que reste tempo hábil  
pra deixar a casa em ordem  
revisar armários gavetas  
rasgar papéis sem valor.  
Que a passagem seja rápida  
e razoável a conta do hospital.

é impossível não evocar a inolvidável "Consoada", de Manuel Bandeira, poema obviamente nascido de idêntica percepção:

.....  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

Como fecho de "Arredores da morte" aparece a "Pequena série de grinaldas", sete poemas de saudade a amigos idos, o último deles uma quadra da maior exatidão sobre Ivan Junqueira, grande amigo nosso e grande poeta da morte, como o foram, entre nós, alguns artistas de gênio como Augusto

dos Anjos, e, ainda mais obsessivamente dentro do tema, Alphonsus de Guimaraens.

“Longe das sombras”, quarta parte do livro, centra-se, mais do que todas as outras, no que poderíamos chamar, à *la Drummond*, estar no mundo, tanto do ponto de vista do eu como do ponto de ser visto dos outros, com momentos notavelmente críticos, em poemas quais “Apelo”, “Rainha do lar” e muito especialmente na obra-prima de humor que é “Hierarquias”, um humor que não se afasta totalmente da ideia da inutilidade do esforço humano sobre a qual há pouco falamos.

A persistência do ser em meio ao vácuo crescente domina “Coração malabarista”, quinta parte de *Íntima fuligem*, desde o poema de abertura, que, de certa forma, lhe dá título. O tema do corpo em sua plena carnalidade, do amor físico, aliás inseparável de todo o resto, que já se anunciara em “Das solidões” e “Corpo”, na seção inicial, reaparece, de maneira mais explícita, em “Fusão”, “Clímax” e “União”, três poemas em sequência, assim como, pouco depois, mas já na antevisão de uma esperança de transcendência que dominará a parte final do livro, em “Encontro sem data”. Ainda em torno da questão amorosa encontramos o admirável “Amor recolhido”, quase um fragmento memorialístico em verso, não destituído do humor que em várias passagens da obra já destacamos.

“Arremedos de alegria”, seção final do livro, *coda* luminosa, inicia-se, muito justamente, pelo grito de ânimo que é a quadra intitulada “vida de fato”. Os elementos da natureza, como já comentamos, são arregimentados pela autora, em toda esta parte, com uma dominância ainda não encontrada anteriormente. Num poema como “Mulher”, em seus três curtos tercetos, Astrid Cabral compõe uma ode a essa meta-

de majoritária do gênero humano de uma força que nenhum proselitismo feminista jamais conseguiu. Depois do magnífico exercício de apaziguamento com a efemeridade que é o poema “Exercícios de finitude”, a autora chega àquele que é para nós o maior poema não só de “Arremedos de alegria” como de todo o livro, “De olhos fechados”, verdadeiro grito de transcendência em sete quadras, obra-prima de antevisão da reconquista das coisas perdidas ou nunca alcançadas, mas acima de tudo dos seres que se foram e que faziam parte da própria substância da autora, e não há por que não nomear diretamente, em relação a tal poema, a figura do amado morto, Afonso Félix de Sousa, e do filho perdido, Giles, o mesmo ao qual é dedicado “Declaração de amor”, soneto que encerra o livro, sem nunca deixarmos de avaliar o que seja essa dor, cuja só possibilidade levou um grego antigo, com a sapiência costumeira, a julgá-la justificativa suficiente para renunciar às alegrias da procriação.

Em “De olhos fechados”, de fato, explode despididamente a vontade humana, indiferente a todas as lógicas aparentes, a todas as limitações que se impõem a nós pela sua insuportavelmente tediosa onipresença:

.....  
Quero sonhar de olhos fechados  
o que jaz na esfera divina:  
a ressurreição de meu pai  
de meu menino e meu amado.

Quero a reconstrução da casa  
onde cresci e hoje é lembrança  
o calendário em retrocesso  
o regresso da mocidade.

Que não me baste viajar  
às paisagens de Bélgica e Síria.  
Quero as de Betelgeuse e Sirius  
o louco périplo dos ventos.

.....

Em suma, em suas seis partes, na sua quase centena e meia de poemas, *Íntima fuligem* demonstra a discreta, persistente e silenciosa força da poesia lírica entre nós, esse mais requintado dos gêneros literários, esse, único entre eles, que prescinde quase totalmente da narratividade, e isso em meio a um público que em sua imensa maioria julga que apenas nela consiste a literatura.

21-8-2017

ÍNTIMA  
*fuligem*

**SOLIDÃO**  
**POR COMPANHIA**

Na solidão solitude,  
na solidão entrei.

– Mário de Andrade

## CORAÇÃO EM RÉQUIEM

Ventos sopraram com fôlego  
águas baixaram em fúria.  
Do esplendor desnudas  
flores tombaram murchas.

Sob o abraço cru dos galhos  
espoliados das folhas  
ante as marcas do massacre  
da violência voraz  
meu coração jaz em réquiem.

Sepulcro de pétalas  
o jardim de ontem.

## DE ASA QUEBRADA

A dor me faz tocar  
os ossos da alma.  
Tudo o mais se cala.  
Falar já não cabe.  
A mudez disfarça  
a ausência, o nada.

O que tenho a dizer  
resta em puro silêncio  
no deserto do papel  
súbito oásis a acolher  
minha surda voz  
viúva do baile.



## SOLIDÃO

Sem pedir licença  
deitou-se em minha cama  
caiaando de silêncio  
as quatro paredes  
teto esquadrias janelas.

Permaneci muda  
imóvel entre lençóis  
sujos de lembranças.

Só o lenho das portas  
e as tábuas do soalho  
gengeram baixinho  
solidárias  
suspirando por mim.

## TUDO É NADA

Imersa em mares interiores  
morosa navego sondando  
o mundo desmoronado  
que a memória não devolve  
embora o desejo me cobre.

Varo por avulsas matas  
de coral buscando luas  
nafragadas. Tudo é nada.  
Solitária como nunca  
sou órfã de toda amarra.

## DAS SOLIDÕES

Na solidão da alma  
Deus se espraia soberano.  
Nela os vazios se preenchem  
em exercícios de esperança.

Também se povoa o espírito  
em seus êxtases e gozos  
nos raros rituais da criação.

Já a solidão do corpo  
na dolorosa urgência  
de ser em carne e osso  
requer o socorro do outro.

## ADEUS VERDE

Não tenho mais quintal.  
Foi-se o da infância.

Ao alcance de meus braços  
terra, orvalho, sons, insetos  
bichos de pelo, penas, cascos  
árvores de galhos vergados  
mangas, goiabas, jambos, cajus.

Além da fartura das polpas  
folhas que amáveis me abraçavam  
afastando calor e luz.

Hoje se tenho sobre a mesa  
uma bandeja com frutas  
já me dou por contente.  
Minha fome é bem pouca.

Os bichos sumiram todos  
e a sombra, sempre presente,  
transborda e me sufoca.

## CORPO

Ao corpo tudo faz falta:  
sono, abraço, comida, água.

Corpo requer outro corpo.  
Solidão, estorvo e logro.

A alma não se desgasta.  
O abstrato Deus lhe basta.

## FUTURO À MÍNGUA

Futuro à míngua  
olhar de paixão  
nenhum me cobiça.

Corpo no fim  
carrego a morte  
manifesta em mim.

Exausta, ínfima  
sou mínima ilha  
em vasto mar.

## CONTRADITÓRIOS

A muitos a solidão fere.  
A muitos conviver maltrata.  
Alguns rasgam bilhetes cartas  
jogando ao lixo inúteis buquês.  
Outros aguardam palavras doces  
convites e flores que tardam.

Junto à balança perguntai  
o que mais convém ou apraz:  
liberdade ou companhia?  
Em todo caso jamais  
invejar de alguém a sina.

A dor costura qualquer criatura.

## ALUCINANTE VOO

Bando de estrelas me sequestra e arrasta  
pelo espaço da imensa noite entre alto  
vaporoso azul mar a girar entre  
nuvens luas faróis sóis arrebóis  
eu cavalgando cauda de cometa  
em viagem vertigem no regaço  
da Via Látea à galáxia de Andrômeda  
eu embalada por lençóis de gases  
mais múltiplos cardumes de mil lumes  
eu de clarões e chamas bêbada rumo  
ao vasto abismo do buraco negro.  
Oh pesadelo! grito em bruta queda  
no duro chão do soalho estendida.



## COMO SER OUTRA?

Erro cruel é me queres  
à tua imagem e semelhança  
reservando para mim  
papel que não escolhi.

Cruzando águas em tumulto  
vamos nos distanciando  
entre montanhas de orgulho  
ou em covas de rancor.

Ternas lembranças de galos  
tanger de sinos em auroras  
pretéritas não devolvem  
prados de amável convívio.

O antigo amor, mito perdido.

## NOVO ENDEREÇO

Eram bem visíveis todos  
à luz do sol ou de lâmpadas  
e se deslocavam livres  
na posse total dos corpos.  
Encenavam seus enredos  
em sequências a fluírem  
plenas sem qualquer lacuna  
em contínuo movimento  
até desertarem após  
cabal troca de endereço.

Moram agora em outro espaço  
onde imóveis permanecem  
em cenas já congeladas.  
Fora das horas cessaram  
de envelhecer conservando  
volumes cores e arestas  
tal a câmara escura de almas  
os fotografou um dia :  
estátuas de nobre mármore  
no cemitério ambulante  
que todos nós carregamos.

## AONDE?

Aonde foram parar os rapazes?  
Eram tantos e tão afáveis todos.  
Alguns mais tímidos escondidos atrás  
de anônimos sonetos e serenatas.  
Outros se apresentavam bem arrojados  
carregando jardins nos próprios braços  
livros perfumes chocolates joias  
convites de passeio bailes no clube.

Os sonhadores lhe propunham reinos  
de perene alegria e bonança eterna  
alianças castelos ilhas filhos.  
Cantarolavam árias e canções  
vocábulos bombons balbuciavam  
desdobrando tapetes a fazer corte  
fielmente ajoelhados a seus pés.

Hoje ao olhar assim de perto a vida  
sem o consolo das passadas cenas  
dá consigo pisando o frio deserto.  
Aonde foi parar a antiga moça ?  
Inútil rastrear-lhe ruas afora  
a figura pra sempre evaporada.  
Melhor de velhos álbuns exumá-la  
ressuscitando-a do perdido chão.

## COLEÇÃO DE FANTASMAS

Eram criaturas bem amadas.

Algumas acendiam brasas  
outras acumulavam cinzas.

Havia aquelas de sorrisos  
a criar aurora em noite plena  
outras lábios cofre fechado.

Algumas inquietas sôfregas  
disparando mais que as horas  
outras a demorarem tardas  
em espreguiço bem monótono.

Umas só previam farelos  
seduzidas por miudezas.

Outras se moviam em ímpetos  
com argumentos e grandeza.

Hoje todas seguem em desfile  
secreto assombrado e estranho  
– fantasmas que eu abarco.

## TATUADA DE SOMBRAS

Menina busco o pai  
nos campos da insônia.  
Subo em alto balanço  
roçando as nuvens  
e nunca o alcanço.

Corro atrás do filho  
desaparecido  
que surge veloz  
ao volante e a luz  
do farol me derruba.

Vou atrás do amado  
por estrada e rua.  
Esquadrinho a casa  
farejando à toa  
seu aroma e rastros.

Deus, onde esses vultos?  
Tatuada de sombras  
vestida de luto  
persigo fantasmas  
no vazio absoluto.

## GERINDO A SOLIDÃO

De saída convém  
enxotar a dor inútil.  
Amordaçar na mudez  
o grito de desabafo.

Se a solidão te arreбата  
até longínquo infinito  
bem poderás traspasar  
o cimento das muralhas.

Enfim, eis a liberdade  
contraditória conquista.  
Proclama a soberania  
do mínimo mundo teu.

A solidão te faz deus.

## EXÍLIO

Perdi o companheiro  
de casa e casamento  
o confidente, o amante.

Murcharam belos amores  
flores quimeras regadas  
nos desvãos do coração.

Desmoronaram utopias  
e até desejos menores  
devagar evaporaram.

Perdi amigos-irmãos  
de estudos, lutas, viagens  
bailes, ideais e crenças.

Valores? enferrujaram  
Ricos papéis? se rasgaram  
Minhas fotos? apagadas.

A solidão me cercou  
pela vastidão das águas  
nuas de porto e farol.

Perdi a pátria da hora  
que me pertencia e avulsa  
vivo agora em chão de exílio.

## SAUDADE/SOLIDÃO

Saudade e ainda sou plena.  
Em mim, o antigo caudal  
a distante montanha  
a extinta primavera.

Solidão, ai solidão!  
Oco no âmago do osso.  
Do abismo o infinito vão.



## NO DESCAMPADO DA ALMA

Lanço-me a povoar vasto deserto:  
busco longínquas fontes e crio jardins.

Convoco corpos já ausentes a fim  
de que até mim aportem suas vozes.

Reviro arquivos buscando papéis  
pela goela do lixo cobiçados.

Corro atrás de paisagens do real  
e me rendo ao escuro dos cinemas.

Revejo nuvens e montanhas de cinza  
cavalgo dunas, ondas e cavalos.

Ao sol das feiras saboreio frutas  
e me embriago ao cheiro dos quintais.

Com o bulício de tanta inquietação  
quase logro o deserto exterminar  
bem antes que o vazio sem dó me enforque  
e camadas de chão logo me engolfem.

## A DIFÍCIL REVISITA

Ainda moro entre paredes  
de ar, sob telhado de nuvens  
pisando em chão nenhum.

Minhas casas de menina  
e o casarão da juventude  
ficam no século findo.

Em vão tento abrir  
portas e portões trancados  
no jardim das fotografias.

Ainda disponho de corpo  
e aguardo o adeus dos dias  
para a difícil revisita.

Será no espaço sonhado  
por mim, lá do outro lado  
onde se reúnem os ontens?

## VINTE DESANIVERSÁRIOS

Quem embalava teu corpo  
agora a lembrança embala  
com o olhar embaçado.

Quem o teu rosto beijava  
pálida aflora o vazio  
com a frustração nos lábios.

Quem pisou altas esferas  
a esperança navegando  
arrasta o ventre em crateras.

Quem se experimentou plena  
e pelos ventos cantou  
aleluias sobre a terra

hoje seu silêncio rompe  
e pelo punhal do fim  
ferida, o efêmero chora.

# VIZINHANÇA DO MISTÉRIO

Todo o universo é treva

- Ferreira Gullar

A poesia fala do que não sabemos

- Mia Couto

## MAR SEM MARGEM

Mistério?

cósmico mar

onde ínfima navego

buscando em vão

oculta margem...

## DESCOBERTA

O tempo é dentro das coisas.

Oh rápidas rosas  
Oh morosos minérios.

Em perene desgaste  
de mutação sem término  
seres em viagem  
navegamos o universo.

O tempo é dentro de nós.

## LIÇÃO

Ambígua agridoce  
salamarga vida:

Acaso aprenderei  
tua sábia lição  
a tempo de usá-la?

ou só quando a boca  
que ora soletra  
estiver calada?

## PEQUENEZ

Cismo com as estrelas  
que olhar nenhum alcança.

Por instinto, sinto o infinito.

A distância imensa  
qualquer grito cancela.

Na floresta das perguntas  
sou ínfimo ser perdido.

Pior, a órfã cósmica  
de um deus escondido.



## ILHAS INVISÍVEIS

Sabe-se de cor : dor mor  
é a dor de cada um.  
Cada qual sendo mártir  
em planeta à parte.  
Afinal a dor do próximo  
só de longe nos atinge.  
Alguém pode adivinhar  
a escondida dor alheia?  
Compartilha-se a visível  
mas só de cabeça fria.

Não fossemos todos ilhas  
afundaríamos no mar.

## ARCAICO SEGREDO

Silêncio petrificado  
falam as montanhas  
mais que os filósofos.

Pedra palavra eterna  
o antiquíssimo mistério  
do cosmo segrega.

## O ENCONTRO

Deu-se em campo aberto  
a léguas de qualquer baliza.

Apenas a figura nítida  
recortada na neblina.

Coração latejando  
em ritmo de passarinho  
mal pude balbuciar:

Onde estavas, menino  
longe esse tempo todo?  
Em que lugar do mundo?

Quem são teus amigos  
agora e aquela paixão?

Em sutil delicadeza  
com a fria ponta dos dedos  
tocou-me de leve os lábios  
e sorrindo matreiro disse:  
É segredo, mãe. É segredo.  
E mergulhou no nevoeiro.

## FUTURO

Meus sonhos de futuro eu podei.  
Cortei-lhe galhos que o levavam longe  
ao reduzir-lhe a lança das perguntas  
e ondas rebeldes de remotas praias.

Então, pude melhor acalentá-lo.

Anos e décadas evaporaram:  
ficou-me a simples sucessão de feiras  
nas conchas destas mãos minúsculas.

Se pequeno, o futuro é confortável.  
Não vai desesperar homem nenhum.

Basta o cuidado de domesticá-lo.

## OLHO GRANDE

À fortuna alheia  
não lances olho grande.

Nem olhos de lince  
atravessam trevas  
ou devassam máscaras.

Aflorar os fatos  
sem tocar o enigma  
é de todos sina.

Destino é sigilo  
que olho nenhum rasga.

## PERGUNTA PRIMEIRA

Sou dado  
lançado  
do Alto  
ao acaso ?

Integro  
projeto  
secreto  
do Eterno ?

## SEGUNDA PERGUNTA

Mar sem margem, a alma.

Estreito cárcere, a carne.

Como unir os extremos

de abstração e concretude

se a sentença do ser

é o constante conflito

e a plenitude, utopia?

## ALFORRIA

Digo sempre à minha sombra:  
anda, por favor desgruda,  
mas ela surda, xifópaga  
não pensa em me abandonar.

Sol a pino ou à socapa  
de nuvens de chumbo e chuva  
amável desaparece  
em manifesta clemência.

Algoz me segue e persegue  
no longo correr das horas  
laçando-me em sua corda.  
Eu, a pobre encarcerada.

Por fim, jogou-me no chão  
mostrando-me a horizontal:  
vai, deita-te, dorme ou morre  
e serás livre de vez.



## SONHANDO PARA TRÁS

Se pelo imenso mundo o pai e a mãe  
nunca se houvessem um dia encontrado  
nem atingido o êxtase carnal  
se por acaso um deles fosse estéril  
ou o feto afetado em doença fatal  
ou na hora do parto viesse a ocorrer  
um triste enforcamento umbilical  
onde eu, que confrontei tantos perigos  
– o precipício do nada beirando –  
me encontraria agora senão no limbo  
perdida meio a múltiplas hipóteses  
anônimas anêmicas e vagas  
dormitando em latência infinita  
sonho absurdo, voo viúvo de asas?

## CLARIVIDÊNCIA

Tirei a escama do olho  
e vi o gesso invisível.

Há quanto tempo andava eu  
pela mesma rua do bairro  
comendo na mesma mesa  
falando com a mesma gente  
a mesmíssima conversa?

Há quanto tempo jazia  
incolor, encurralada  
em calendários e horários  
quando coloridas horas  
prometiam mil surpresas?

Que rigidez era essa  
a me entaniçar o corpo  
e me reduzir o todo  
a simples osso no gesso?

Vida não é movimento?  
Assim, quebrei a carcaça.  
Depois me soltei sem pejo  
com meus cabelos ao vento.

## RADIOGRAFIA

O não-possuído  
é o que nos possui.

E o não-vivido  
o que mais se vive.

Muito mais que memória  
somos sonho e desejo.

São nossas lacunas  
que nos preenchem.

## MARCHA À RÉ

Para Vilma Arêas

Prossegue o jogo  
mas já de cartas marcadas  
a ferro e fogo  
- Afonso Félix de Sousa

Eram muitos os caminhos  
imenso o mapa na mesa.  
A força de marés e ventos  
patrimônio no comando  
de canoas lanchas navios.  
Aonde ir? nó a desmanchar.

Muitos homens cobiçavam  
praias e bocas de teu corpo  
e o coração gangorrava  
em selvagem contradança  
paixões a pino, vertigens.  
Meu Deus, quem escolher?

Eram muitas as crianças  
mudas no escuro da lua  
a pedir ventre leite colo.  
Geravam o teu remorso  
à ternura rejeitada.  
Ai desperdício de sangue!

Eram múltiplas as tarefas  
ao alcance de mãos ávidas.  
Segredos em desafio  
de cócegas nos teus dedos.  
Muitos apelos a sacudir  
a carne e berrar no ouvido.

Teus pés na bacia do mundo  
não no sufoco de um poço.  
O perigo se amoitava  
nas bordas de ampla cratera  
aberta em perspectivas  
roçando esfacelamento.

Não sabes. Algum vendaval?  
Foste parar no gargalo  
de um funil, exilada do  
excessivo anil do céu.  
São tão próximas as paredes  
que em vão tentas abrir os braços.

O que se expandia em diáspora  
retorna em fiel convergência.  
Teu passado então refluí  
arrematando fios e fiapos  
da cauda que arrastaste  
por degraus e ruas perdidas.

Já se vislumbra o caminho  
buscado outrora entre brumas.  
Reina augusta calmaria.  
a rotina te engessou.  
Viraste estátua de sal.  
Tudo definido e único.

## QUESTÃO DE PODER

Mandam no mínimo  
os homens poderosos.

Sopram os ventos?  
Sustam as chuvas?  
Serenam os vulcões?  
Assuntam o segredo  
de pedras e águas?  
Controlam o voo  
de insetos e estrelas?

Encarceram o tempo?  
Legislam os destinos?

Pseudo imperadores  
do infinito ignorantes.

Miseráveis mamulengos  
cegos tateando o mundo.

## EXÓTICA ESTRIPULIA

Sem saber de nada  
cultivava uma framboesa  
no canteiro do ouvido.  
Ao passo que ela crescia  
roubava-lhe o som  
e o rumo dos pés.

Foi quando o especialista  
fez o diagnóstico  
e chamou seus discípulos  
a conhecer a fruta rara.  
Dez alunos foram à clínica  
e olharam pelo orifício  
mínimo de um aparelho.

Era uma framboesa  
sim, recôndita e extraviada  
miúda, rubra, lobulada.  
Pulara de invisível chão  
buscando a boca. Perdida  
foi brotar na jugular.



O doutor confeccionou  
máscara de proteção  
toda em chumbo moldada  
e em sessões de raio x  
bombardeou-lhe a raiz.

Quem imaginaria  
a exótica estripulia  
da semente passando  
de flor à fruta tumor?

## AUTODEFESA

Embora não se saiba  
a hora de ir embora,  
embora não se saiba  
o que nos aguarda lá fora,  
vivemos como se o agora  
eterno fora e o efêmero  
fosse dado secundário  
a ser descartado sem dó.

Assim enxotamos o medo,  
e, ilusão anestésica,  
gozamos falso sossego.

## DO TÉRREO AO ETÉREO

Somos tão dependentes da matéria  
tão incapazes de viver sem chão  
que paixão reduzimos às carnaís  
grades do corpo cúmplice, à miséria

do curto sentimento do tesão.  
Porém, detrás das grades, um sem cais  
vastíssimo oceano nos atrai  
escancarando-nos a dimensão

remota das estrelas cuja luz  
divina nos aquece e então amplia  
as dimensões anãs de nosso corpo.

E eis que gentil ideia nos seduz  
e a outra ordem a paixão se filia  
trocando o térreo por etéreo horto.

## NO ALTO AZUL

Foram fantásticas as férias  
na casa plantada na areia.

De dia colhíamos conchas  
estrelas caranguejos e algas  
catávamos tatuís para o almoço  
comíamos pargos quase vivos.

À noite grafitávamos a praia  
a ver o néon das notilucas  
e nos sentíamos envolvidos  
no pestanejar das estrelas.

A lengalenga constante das vagas  
no idioma enigma do mar  
a carícia do vento na pele  
a delícia do instante nas veias.

Súbito lá no alto azul  
boiando em amplos círculos  
fino e estranho prato fundo  
levitando translúcido  
prometendo aterrissar  
mas se afastando e sumindo.

Pés no reino dos eventos  
que transcendiam a palavra,  
ambas caladas de susto  
os corações embargados,  
filha e eu tentamos em vão  
entender a visão mágica.

Afinal, o que pairava  
no azul ao cair da noite?

## AS CRIANÇAS DE LLULLAILLACO

Quietas feito pedras  
mudas que nem peixes  
cegas, cabisbaixas, tristes  
ornadas de plumas, ossos  
fios de prata e de tecidos  
humildemente sentadas  
em trouxas de lã de lhama  
três crianças se apresentam  
ali no museu de Salta.

Graças ao ritual sinistro  
dos infanticídios incas  
ao gelo das cordilheiras  
e às redomas que as guardam  
do sol, insetos, poeira  
ali permanecem os corpos  
raras relíquias no tempo  
coagulado de algum século.

As crianças de Llullaillaco  
venceram a infância provisória  
que se dissolve no corpo  
maduro dos adultos vivos.  
Venceram o desgaste da carne  
entre os vermes subterrâneos.

Raios, neves, ou tremores  
nem do vulcão as lavas  
lograram de vez enterrá-las  
cadáveres eternos que são  
presentes sobras sagradas.

Salta, 2/01/2016

# ARREDORES DA MORTE

A madureza, esta terrível prenda

– Carlos Drummond de Andrade

A morte não calça sapatos de seda

[...]

A morte calça sapatos de seda

– Francisco Carvalho



## VÉSPERA DE VIOLETAS

Já estou sentindo  
As violetas crescerem sobre mim.  
Murilo Mendes

Em qualquer das cenas  
por onde quer que te movas  
violetas sempre acenam  
com a promessa do fim.

A vida é por um triz.

## QUANDO O RIO VIER

O dia em que o rio vier  
se deitar em meu quintal  
estendendo seu lençol  
sobre as tábuas do soalho  
não arrancarei cabelos  
nem torcerei as mãos.

Quedarei firme pensando:  
tardou bastante a chegar  
a partida inevitável.  
Por que galgar o telhado  
o topo da alta mangueira  
ou mesmo fechar a porta?

Permanecerei na casa  
já em barco transformada  
os pés afundando n'água.  
O horizonte me convida  
a transpassar o umbral  
e trocar de morada.

## PARENTESCO CÔSMICO

Estrelas e pedras  
também envelhecem.

A pressa vítima  
nossos olhos provisórios  
ineptos ao longo prazo.

A distância infinita  
nos priva de conferir  
a semelhança da sina.

A velocidade do desgaste  
eis o básico contraste.

## PRÉVIA

Porque empurra a rotina  
com absurda energia e  
luta pela forma física  
julga que está viva.

Porque ao fim de cada mês  
contas de luz, gás e água  
paga e o jornal diário lê  
pensa que está viva.

Porque almoça e janta  
dorme a noite inteira  
toma banho e se asseia  
o cabelo corta e penteia  
julga que está viva.

Não sabe, sequer suspeita  
o que a vida mesmo seja  
mas passa por cima disso.  
Porque não se entrega ao sonho  
não duvida nem pergunta  
tornou-se prévia defunta.

## INSTRUÇÃO OPORTUNA

Basta-me o fogo  
em legumes e grãos.  
E no breu da noite  
o lume de vaga-lumes.

Basta-me o fogo  
das festas de junho  
castanhas assando  
em acesos carvões.

Basta-me o fogo frágil  
de chamas dançando  
sobre velas nas festas  
dos aniversários.

Basta-me o fogo  
cruel do inferno  
na boca profética  
de malditas freiras.

Basta-me a lembrança  
amável e suave  
do fogo do corpo  
no braseiro do amor.

Agora a dádiva cabe  
a vermes e raízes:  
que vá meu corpo inerte  
ao vão da terra fria.

## PERTO DOS CEM

Não tenho lenço que seque  
as lágrimas de minha mãe.  
Nem palavras de resposta  
a suas pungentes perguntas:  
o porquê do sofrimento  
o absurdo desta vida.

A ouvidos moucos não  
atinge a longínqua voz  
de um Deus talvez surdo-mudo.  
Eu também choro e me indago  
porém tímida escondo a alma  
no decoro de olhos secos  
e atrás da boca trancada.

## DERRADEIRAS PROEZAS

Aos cem, a mãe passou a obrar milagres:  
enterrar os vivos e ressuscitar os mortos.

Pela manhã indaga se o pai já tomou  
café e leu o jornal. Tem com ele  
assunto muito urgente. Sua mãe  
está em casa ou visitando a madrinha?

Rebatiza os netos com o nome  
dos irmãos falecidos e as enfermeiras  
são todas Maria, a alta, a baixa, a gorda.

Funde casas, cidades, paisagens  
dias e datas, tardes e madrugadas.

Rasgou o calendário feito papel de embrulho.

À noite pergunta se não é hora do almoço  
e se ontem será mesmo amanhã.

Precisa vestir-se para resolver problema  
das crianças na escola ou chegar a tempo  
no serviço, pois alguém está a sua espera.

Embora lenta, manifesta pressa  
e susta as sentenças pelo meio.

Já flutua precoce em outra esfera.  
Sem demora, sabemos, subirá aos céus.



## RUMO AO PORTO

Velhice, câmara lenta  
da morte que carregamos  
feito lastro de navio  
na travessia dos anos.

Eis que a sombra do naufrágio  
sobre nós triste se adensa  
enquanto se aderna o casco  
entre as dobras do mar alto.

Ventanias trombas d'água  
correntes e marés brutas  
afrontam o lenho frágil

do corpo, que em sede busca  
no horizonte do universo  
chegar ao porto do eterno.

## TAREFAS

Varria poeira e areia  
em contrição religiosa  
Polia espelhos e móveis  
diagnosticando manchas.

Inspecionava os cantos  
da casa, dobras de toalhas  
bordas de louça, talheres.  
Trocava a água das jarras  
e juntava farelos no tampo  
e por baixo das mesas.

Lavava paredes e panos.  
Arrumava objetos e trastes  
em gavetas e prateleiras.  
Enxotava qualquer inseto  
classificava papéis.

Agora que baixou à terra  
o caos à revelia reina.

Goza enfim de folga eterna.

## DESENLACE

Antigamente devia  
me espreitar de muito longe  
muda, encolhida à socapa.  
Não me punha a cortejá-la  
ainda que me intrigasse  
a louca fúria de alguns  
precipitando-se cegos  
goela abaixo no abismo.

Hoje passo a namorá-la  
vendo o tempo a se esgarçar  
enquanto me rasga a carne.  
Seja ao menos cordial  
esse encontro inevitável.  
Ao pôr-do-sol? de manhã?  
Se chover, grata serei  
ao choro amigo das nuvens.

Dou asas à fantasia.  
Digo: núpcias com o mistério  
anunciam a cerimônia.  
Pressinto-lhe os pés de pluma.  
Devo manter a elegância  
aguardando minha vez.  
Cabe a ela decidir  
quando por mim dobrem sinos.

## A VIAGEM DO EMBAIXADOR

De regresso à pátria,  
já aos setenta, encomendou  
quarenta pares de sapato  
ao mais famoso artesão  
de Beirute.

Sua bagagem incluía  
quatrocentos quilos de prata  
dúzias de ricos tapetes  
infindas alfaias.

No meio do caminho,  
em Roma,  
solitário e anônimo  
sem passaporte diplomático  
credenciais  
ou qualquer bagagem,  
partiu descalço  
em missão secreta  
à terra fora do mapa.

## NENHUMA ASA CORTADA

Não enterrou pais ou pares.  
Nem se afogou no caudal  
das mágoas do amor volátil  
ou se perdeu no alçapão  
de quimeras e vãs esperas.

Não carregou a velhice  
penando em xadrez de ossos.

No espelho não anteviu  
o seu futuro cadáver.

Não provou fome de afago  
nem mesmo o travo do amargo.

Não se debateu no triste  
escuro de inúteis lentes.

Nem se extraviou no silêncio  
órfão de palavras e música.

Pulou fogueiras, desastres  
doenças e desavenças.

Voou íntegro, original.

Nenhuma asa cortada.

Mesmo se morreu jovem  
não convém lamentá-lo.

## ESQUELETOS

Desde menina convivo  
com fantasmas escondidos  
e esqueletos bem à vista.

Costelas de pinho-de-riça  
gemiam no soalho de casa  
até que foram trocadas  
por ripas mudas e jovens  
pau-amarelo e acapu.

A saboarana do louceiro  
sempre gritava gasguita  
quando as portas eram abertas  
para liberar as xícaras.

Adulta, ganhei alcova  
nova e berços de peroba.  
Mudando de cidade vieram  
camas, cadeiras de imbuia  
canapé de vinhático  
bancos de jacarandá.

Em terras estranhas morei  
com mobília de carvalho  
arca de noqueira turca  
cravejada de madreperolas.

Nas andanças guardei sempre  
minhas estantes de cedro  
irmãs do papel dos livros.

Porém nas noites de insônia  
me interrogo do ex-esplendor  
de árvores hoje cadáveres.  
Incomoda-me a redução  
da primordial beleza  
a pobres retas e curvas.

A redenção é pensar:  
confinada num caixão  
terei sorte solidária.  
Serei também esqueleto.

## QUEDAS

desde que se recuarde  
caer y levantarse  
José María de Cádiz

Coleciono quedas em concretos edens.  
O devaneio sempre me leva às nuvens  
bem longe das pedras e sua ordem exata.  
Em copa de alta mangueira buscava estrelas  
quando aterrissei com as costelas no chão.  
Em Campos do Jordão num relâmpago  
rompeu-se a paisagem verde ao redor.  
Mirando rendas de vento nas areias  
do Maranhão, beijei pedras da calçada.  
Beleza me enfeitiça e nocauteia.  
Assim me rendi trêmula e súbita na praia  
de Óstia, sob arcos de galeria em Gênova,  
no cemitério etrusco de Cerveteri  
no limiar da Plaza Mayor de Salamanca  
em passeio pelos Champs Elisées  
e vitrines da Michigan Avenue, Chicago.



Na escadaria rolante dos Anjos  
em Lisboa, em vez de subir aos céus  
tropecei e caí de costas nos degraus  
entre amigas e sacolas de laranjas.

Alvo da compaixão dos transeuntes  
sorrio entre dentes quebrados, arranhões  
e perto de ombro amigo o sangue enxugo.  
Apenas ensaios para a queda final quando  
sem forças para erguer-me, lembrarei  
desses bruscos sustos como vertigens.

## TEMPO DE SER SÁBIA

Como se não me bastassem  
os setenta e sete anos  
e a inequívoca feiura  
instalada em todo o corpo,  
a queda rompeu-me os lábios  
e costurou minha boca.

Talvez pra que muda,  
não proteste contra os buracos  
da rua, nem lamente o senil  
desequilíbrio que me assalta  
pondo o mundo de pernas pro ar.

Afinal, já é tempo de ser sábia:  
pronta para o que der e vier.

## ATESTADO DE ÓBITO

Quem há pouco livre se movia  
gerindo auto suficiente os dias  
e administrando o próprio corpo,  
falava, sorria, olhava, ouvia  
andava, parava, sentia frio  
e calor, gozo e dor, fome e sede  
e dormia sonhava acordava  
mastigava comia defecava  
agora inerte, aguarda impotente  
que médicos legistas decidam  
se a queda lhe causou o enfarte  
ou o enfarte provocou-lhe a queda.

Enquanto os vivos se agitam  
a cumprir burocracias  
o restante do ser, liberto  
da constante insana lida,  
não tem a mínima pressa  
de baixar de vez à terra.

## ADMINISTRANDO A VELHICE

O esquecimento te atropela  
e ainda que te esqueçam  
esquecer não mais podes.

Tantos são os cuidados  
que o corpo gasto te cobra  
que tempo nenhum te sobra  
para o ameno espairecer.

Outros são os expedientes  
a consumirem teu ser:  
consultas e tratamentos  
visitas a amigos doentes  
exames velórios missas  
de sétimo dia partilhas.

E tudo de bom vem sempre  
timbrado de nunca mais.

Só a esperança incansável  
é tua bengala na estrada.

## TRÍPTICO DA VELHICE

### I

Doença crônica  
endêmica  
sistêmica  
autoimune.

Não é contagiosa  
mas todos evitam  
maior contato.

### II

Na boca sempre o amargo paladar  
da contínua pungente despedida.  
Rude ameaça a cada à toa instante  
de ter o mundo reduzido a cinza.  
Outra festa será possível ainda  
ou esta será mesmo a derradeira?  
De novo pisarei este jardim?  
Mergulharei no mar mais uma vez?  
Haverá outro chocolate quente?  
Nos dentes trincarei mais outra torta?  
Acaso, bêbada do azul do tempo  
na pele sentirei o verão vindouro?

Ou será esta a última estação?  
Terei a sorte de rever o amável  
sorriso no rosto do amado amigo ?  
De novo beijarei filhos ausentes?  
Afagarei ainda minhas filhas?

Agora, tudo que é bom fica triste  
sob o perigo da espada em riste.

### III

Tudo vem pela metade.  
mesmo a pressa-mor é lenta  
ânsia nenhuma é extrema.  
Enroladas em fumaça  
perderam as horas fulgor  
atrás de lentes já baças.  
Na boca sem fome, a polpa  
das frutas não sabe a nada  
papilas todas dormentes.

O coração caso inda bata  
em meio a banhas se esfalfa  
exausto de mil batalhas.  
Do paraíso entre pernas  
só resta memória escassa.  
Vencendo a iminente queda  
graças à bengala fraterna  
o equilíbrio é dom do acaso.

Velhice, morte a longo prazo.

## PEQUENAS ESPERANÇAS

Qualquer grande esperança  
é grande engano  
C. M. R. V.

Amanhã, queira Deus,  
não seja o último dia.  
Que ainda haja tempo  
não pra inútil mala  
mas pra despedidas  
que o afeto pede  
entrega de alguns presentes  
acerto de questões práticas.  
Que reste tempo hábil  
pra deixar a casa em ordem  
revisar armários gavetas  
rasgar papéis sem valor.  
Que a passagem seja rápida  
e razoável a conta do hospital.



## ENTRE LENÇÓIS

No breu da noite  
vindo de outro mundo  
um morcego me empurra  
em profundo poço.  
Voraz chupa-me o peito  
e preso a meu pescoço  
suga-me o sangue.

Enquanto morro  
a voz na mordança  
não berra socorro.  
Desertor de estrelas  
tirano das trevas  
sem o menor dó  
em segredo atroz  
da cama faz féretro.

Acendam-me uma vela.

## FIM DE FESTA

Soa em surdina a música  
ou estarei eu bem surda?

Não danço nem sequer canto  
pernas perras garganta seca.  
Balanço entre sono e sonho.  
Meus pares partiram todos  
e mal vislumbro outros seres.

Recolhidas as terrinas  
sobram só jarras vazias.  
Que faço aqui no abandono  
estátua de carne sem gesto?  
Mais que a seda o suor me veste  
e o cansaço terno me abraça.

Ainda não se apagou  
a luz da sala, porém  
estou só no colo da noite  
enquanto minha alma singra  
submersos rios de sombra  
arrastando-me ao nada.

Uma orquestra quase muda  
prossegue ao longe, parece.

## O RESTANTE PROTESTO

Abandonou-me o ânimo  
de empurrar montanhas  
e, árvore estrangulada,  
levantar lajes nas ruas.

Adeus súbita coragem  
de vestir elmo e armadura  
em desafio ao mundo  
mal rompia a aurora.

Restou-me o protesto  
engasgado na garganta:  
fúria sob soluço  
agudo grito mudo.

## DESCOMPASSO

Eis dias cruéis:  
velozes as horas  
morosos teus pés  
que avançam sem pausa  
rumo ao fim de teu  
singular segredo.

Carregas o árduo  
fardo da velhice  
no enfado de lesma  
a se arrastar qual  
cágado humilhado  
sob a carapaça.

Entre o já perdido  
e a melancolia  
do jamais vivido  
sem cessar oscilas.  
Do túmulo, o futuro  
abraço já sentes.

## VIOLETAS SOBRE MIM

O corpo com persistência cega  
o vão incolor das horas atravessa  
cumprindo o ritual desse destino  
de ser recinto por onde transitam  
frutos vindos das águas e da terra  
a serem consumidos massacrados  
entre móveis mandíbulas e dentes.

Vai indo o corpo gasto se liberta  
da intransferível carga que o mantém  
de pé, sentado sobre pés de pau  
ou deitado na falsa paz de um leito  
pois o corpo requer o longo pouso  
do sono, a dança inédita dos sonhos  
na cabeça encostada ao travesseiro.

O corpo se quer pleno e por si mesmo  
não se basta. Clama pelo calor  
que a lã de nenhum cobertor aplaca.  
Então recusa a solidão e a luta  
contra o pungente luto a apodrecê-lo  
até que tudo esquece e só deseja  
cobrir-se com um manto de violetas.

## PEQUENA SÉRIE DE GRINALDAS

- I - Rua de ressurreição
- II - Amiga Léia Coe no Fofa
- III - Troca de esperança
- IV - Presentes de Léia
- V - Lucy in the sky
- VI - Preto a Nho Mafuca
- VII - Sabedoria de Ivan

## I – RITUAL DE RESSURREIÇÃO

Para Wanda,  
filha de Lara de Lemos

Nenhum Guaíba afogará Lara  
flutuando viva em outras águas.  
A poucos passos de suas cinzas  
– a quatro saudosas mãos –  
efetuamos, filha e amiga  
um ritual de ressurreição.

A memória, alavanca que levanta  
lápides, ergue ossos, refaz formas  
tingindo de cor o espaço vago,  
misericordiosa nos devolve  
plena, embora invisível, a presença  
da Lara que já nos foi roubada.

Fragmentos de sua vida, relatos  
de eventos se sucedem eloquentes  
libertos do mensurável tempo  
na longa conversa que tecemos.  
Beleza bondade e alguns poemas  
rompem molduras lembranças livros  
para nos abraçar redivivos.

## II – AMIGA LÉLIA COELHO FROTA

Triste, não te alcanço mais  
por carta, telefone, email.

Andarás em Lisboa, Brasília?  
Petrópolis, São Paulo, Minas?

Em vão te busco e vasculho  
Jardim Botânico Santa Teresa  
Laranjeiras Botafogo Leblon.

Embora te sintas tão perto  
sei que estás daqui muito longe  
perdida em anônimo deserto.

Quanto a mim, permaneço entre  
as contigências do imediato  
contida em calendário terrestre.

Enquanto tu habitas completa  
as páginas da nossa história  
e o espaço do mistério celeste.



### III – TROCA DE ESPERANÇA

Embora disseses  
*Eu não quero a morte.*  
*Quero a vida*  
*laranja de ouro brilhando*  
*no mais alto ramo.*  
foste embora, Lélia.

E aqui ficamos com o logro  
da vã perdida esperança  
de permaneceres conosco.  
Ficamos com o malogro  
de não te rever radiante  
sã cintilando alegria.

Sobrou-nos outra esperança  
celebrada em missa e prece:  
o reencontro hipotético  
em dimensão celeste  
sabe-se lá quando e como  
enquanto a vida prossegue.

Só que o mundo empobreceu.  
Estamos mais incompletos.  
O sol teima e acende os dias  
mas sua luz baixa opaca  
e há um terreno deserto  
que implacável nos sitia.

Que estejas deitada em Alfa  
e saudade seja nossa casa.

#### IV – PRESENTES DE LÉLIA

Uma rosa perpétua  
a saudar o primogênito.

Campainha de azinhavre  
lembrança da Espanha.

Desenho de Milton Dacosta  
embelezando minha sala.

Camafeu relíquia da Itália  
para compor um anel.

Madona de Minas  
talhada em madeira.

Caderno para anotar versos  
em mimo pelo Natal.

O Divino Espírito Santo  
artesanato de Paraty.

Livros, textos, conversas  
telefonemas, mensagens  
convites, encontros, festas.

E além calendário e espaço  
a fonte constante do afeto  
o doce calor do abraço  
seu amor presente maior.

## V – LUCY IN THE SKY

Olá, amada tia Lucy,  
múltipla rápida radiante  
que viagem agora fazes  
em terra ignota e distante?  
Por entre nuvens e estrelas  
vais de trem ou de barco?

Na véspera da partida  
vestias vermelho brilhante  
em altos saltos te movias  
sorriso arregaçando o batom.  
*Até qualquer dia, minha gente.*  
*Vou chegar aos cento e vinte!*

E teus dedos agora, tia?  
Traduzem sons em signos  
na assembleia dos políticos?  
Ou cruzam agulhas e linhas  
cortinas almofadas bainhas  
virando o vão da casa em ninho  
com babados e bordados  
de aconchego e carinho?

E tuas mãos agora, tia?  
Depenam desossam recheiam frangos?  
Escamam salgam fritam peixes?

Estendem toalhas talheres terrinas  
para as divinas sobremesas  
de tuas supimpas receitas  
regadas ao vinho do Porto  
camadas de coco e ameixas?

Ou ensaboam esfregam lavam  
panos lenços lençóis fraldas  
destinados ao sol nos varais?  
Ou limpam banham penteiam  
filhos netos bisnetos outros mais?  
Ou manuseiam guardam gastam  
em mercados feiras lojas pechinchas  
cédulas moedas da economia?

Embora descrente reservada  
estarás por acaso gerindo rituais  
religiosos familiares sociais  
assídua atenta providencial  
doando amor sem espalhafato?  
Tolerando desmandos perdoando  
filhos genros noras em nome de  
sensata sabedoria e aprazível paz  
funcionária fiel da alegria?

Tia, com fortíssimo fervor  
amaste beleza e juventude  
e nunca declinaste dos recursos  
de plásticas caprichos da moda  
pancakes cosméticos esmaltes  
pulseiras colares anéis e brincos  
brilhos de zircônia pedras.  
Agora com suprema elegância  
passeias pelas avenidas do céu  
o ser total liberto e eterno  
entre autênticos *diamonds*.

## VI – PREITO A NILTO MACIEL

Partiste no rumo do infinito  
a anos-luz da geografia.  
Mas não sumiste. Atrás de ti  
perdura tua grave palavra  
gravada em eterno granito.

Sob coqueiros e cajueiros  
teus devaneios de jovem.  
Sibipirunas e mogubeiras  
te acolheram no planalto  
quando partilhaste da épica  
da nova capital do país.

Persistente palmilhaste  
utópicas e escuras sendas  
floresta a dentro dos homens  
erguendo castelos de papel  
com seres de sonho e letras.



## VII – SABEDORIA DE IVAN JUNQUEIRA

Quando a morte veio buscá-lo  
não houve susto ou surpresa.  
Com ela sempre vivera  
em perfeito poético diálogo.

**LONGE  
DAS SOMBRAS**

Quem tapa meus olhos  
nada esconde de mim.  
Sei seu nome e seu rosto,  
o lugar em que estou  
sua noite sem fim.

- Lêdo Ivo

## RETRATO

Já viste pássaro  
ter raízes?

Já viste árvore  
ter asas?

Já viste peixe  
ter voz?

Olha pra mim.

## CONVERSA COM O ESPELHO

Em reverente obediência

repetes a máscara:

a cor as curvas da carne

os provisórios detalhes.

Tanta solicitude e fidelidade

para nada. O que te adianta

essa extrema nitidez

se a face interna

e também a eterna

não vês?

## DEFINIÇÃO

Ninguém se define  
por suas confissões.  
Senão por senões  
e segredos.

O que está à sombra  
não afunda ou soçobra.  
Ilumina o que jaz  
bem à tona.

O mundo submerso  
de cada indivíduo  
é o vero universo  
a defini-lo.

O mais é resto.

## DE FRENTE

É minha estratégia  
rejeitar caldas, rasgar véus.  
Quero encarar o mundo  
de olhos escancarados.  
Por favor não me falem  
de anjos santos milagres.  
Que nunca me ofusque  
nem me engane a ilusão  
da falsa esperança.  
Palavra amarga não me trave.

Se após tormenta, há bonança,  
eu não me esqueço da lama.

## PODER/DESPODER

Muitas coisas me entristecem:  
doenças e desavenças.

Desamor e seus descasos  
desgraças dores desastres.

Mudá-las? Nas mãos de Deus  
não nas minhas tão pequenas.

As minhas apenas podem  
escrever alguns poemas.

## RITO DE PASSAGEM

As folhas do outono  
borboletas suicidas  
voam leves mansas  
e tombam submissas.

(O tesouro da beleza  
me deixa milionária)

Com os olhos de agora  
recolho ouro das folhas  
e amasso com os pés  
cédulas de cobre.

Porém sei: esse ouro  
é esplendor miragem  
chama que antecede  
o chumbo do inverno.



## WALDEN

A velhice é pedra  
no meio do caminho.

Ceguei tarde ao lago.  
A noite me roubou  
a cor das águas.

Pudesse eu ao menos  
transpor o portal da lua  
e na altura resplandecer.

## TRISTEZA

Quis lavar minha tristeza  
no manancial da vida.

Então enxuguei os cílios  
em panos de cambraia.

Camuflei a palidez  
do meu sorriso amarelo  
com o realce do carmim.

Sentei a rija tristeza  
numa cadeira de rodas  
e empurrei-a rua afora.

Porém a tristeza tem  
teimosia de medusa  
e aparafusa cabeças.

Não sei como pentear-  
-lhe o emaranhado mar.

## CENOTE

Meu silêncio é um cenote  
onde arremesso as lanças  
que me transpassaram o peito  
os ossos de várias mortes  
destroços de duras guerras.

Quem ingênuo se debruça  
junto à cintilante boca  
escancarada ao azul  
mal suspeita do segredo  
oculto na paz do poço.

## DOR

Dentro de mim  
dói sem dó  
dói sem fim.

Passarão os dias  
de cruel agonia  
e escassa alegria?

Ou passarão todos  
os dias, e esse será  
o único consolo?

## APELO

Ó juízes do mundo,  
perdidos entre infindas  
resmas de opacos papéis  
e aparências falazes.  
Ainda assim ousais  
proferir sentenças.

Alçai vossas absurdas  
nada sábias cabeças  
e contemplai humildes  
com vosso baço olhar  
a face oculta da lua.

## BICHO RARO

Metade de mim contigo  
mora, a outra, longes praias  
e estranhas correntes singra.

Teu rígido siso toma  
por desamor e descaso  
se do teu lado me ausento.

Sê tolerante e olha bem:  
ora piso em pó de ruas  
ora em areias da lua.

Aceita o que desnorteia:  
alma de centauro tenho.  
Sou criatura sereia.

## **RAINHA DO LAR**

Cetro e comando nas mãos  
firme insiste em ser o centro  
de seu minúsculo mundo.

Do vasto lá fora bastem  
os bem modestos recortes  
nas esquadrias de vidro.

Insubmissos súditos  
desertaram livres rumo  
ao escancarado azul.

Reclama contra os ingratos:  
como ousaram ultrapassar  
alisares e soleiras?

## PRETENSÃO

Gorgulho cheio de orgulho  
o homem porfia no escuro  
e produz torres e luzes  
pirâmides e palácios.

Embriaguez de grandeza?  
Ambição de alçar-se a deus?

Poderoso se desloca  
rompendo ares terras mares  
arrostando infindas fúrias  
no planeta que indefeso  
por mil milênios perdura  
arrabalde da galáxia.



## BALANCETE

Dedilhei teclas sem som  
em pautas burocráticas.  
Sonhei além do plausível  
porém não cavalguei  
cauda de nenhum cometa  
nem cumpri as profecias  
de mestres e amigos.

Sim, não fui a Bombaim  
pesquisar vestígios lusos  
nem arquivos em Simancas  
conforme me ofereceram  
e era do meu desejo.

Se, em suma, talvez faça  
jus à alguma medalha  
é só por ter escapado  
a incontáveis naufrágios  
com a garra e a teimosia  
de meus frágeis braços.

## HIERARQUIAS

Em vida sua preocupação maior  
foi a de classificar as pessoas  
tidas por gente reais ou ilustre.  
Havia as periféricas, as colunáveis,  
as apagadas e as que cintilavam,  
as poderosas e as pobres coitadas,  
as sem cira nem beira e as abonadas.  
Gente que mandava e que desmandava  
ou obedecia feito pau-mandado  
os zés-ninguéns e os importantões,  
os peões de manobra e seus patrões,  
chefes e secretárias submissas,  
políticos ministros moto boys,  
soldado raso major general,  
pároco sacristão cardeal primaz,  
escreventes escribas e doutores,  
os anônimos e as celebridades.

Agora, ocupante de outro plano  
classificará em escala celeste  
serafins querubins arcanjos e anjos?  
Quais os eleitos, quais os condenados?  
Ou se aborrecerá entre imortais  
todos democraticamente iguais?

## CAUTELA

A verdade fugidia  
costuma se amoitar  
em esconderijo  
de sombras ilusórias.

Porque desconfio do óbvio  
pesquise a penumbra  
o recôndito do homem  
o reverso das máscaras.

Porém só alcanço  
as fimbrias do mistério.  
Aos olhos inválidos  
resta o cerne da neblina.

Cuidado com o visível!

## MALOGRO

Passei pela feira  
e não toquei guelras  
ou escamas  
nem alisei a pele crocodílica  
das abóboras japonesas.  
Meus olhos não se demoraram  
sobre o repolho roxo  
nem na verde floração  
de alfaces e cheiros.  
Meus dedos não alisaram  
o rubor dos tomates  
nem os ásperos abacates.  
Não provei o agrisal  
de queijos curados  
tampouco o doce  
de broas e biscoitos  
Não aspirei nenhum  
pó de pimenta ou de  
cominho moído.  
Sequer vi ou ouvi  
os vendedores.  
Tinha pressa e comprei  
atenta apenas ao troco.  
(Degolei a experiência!)  
Voltei à casa de sacola cheia  
porém de mãos vazias.

## DE ESCUDO

Longe o ledo tempo  
de inocente conforto.

Hoje envergo escudo  
no peito outrora aberto  
a insuspeitos espinhos.

Existir é beirar abismos.  
Qualquer dos caminhos  
é ponte sobre o pélago.

## A FLOR MURCHA

Nesta altura dos eventos  
cabe aceitar : lembranças  
monopolizam a vida.

Foram-se arroubos delírios  
impulsos de sonhos loucos  
delineando o futuro.

Resta luz de fantasia,  
miúda, anêmica, tímida  
fósforo quase apagado.

Conspiram as expectativas  
logradas, ingênuas quimeras  
as mágoas dos desenganos.

E o curto tempo restante  
nega chance pra que forte  
a flor da esperança brote.

## RUÍNAS

Frouxa, a tapeçaria da lembrança  
se esgarça flutuando quase invisível.

Cenários perdem traços aninhados  
na penumbra e monótonos desbotam  
em pálida uniformidade cinza.

Cidades são postais semiapagados  
esbatidos na sépia cor do tempo.

Legião de fantasmas ambulantes  
as pessoas sem carne são personagens  
levitando vagas reduzidas a nomes.

Corpos sem peso, vítimas de estragos  
se escondem na realidade etérea  
despida de temperatura e tato.

Tudo restos de rostos e de gestos  
ecos de vozes, palavras vazias  
de música, de tom, sotaque e timbre.

Enredos trôpegos de nexos prestes  
a mergulhar na esfera dos segredos  
criam esfinges mil e labirintos.

Sabores, cheiros, laços de volúpia  
retalhos, farrapos, trapos de panos  
presos outrora bem junto à epiderme  
se embolam ocios na trouxa de sobras  
a ser jogada fora sem demora  
buraco abaixo, num futuro breve.



# CORAÇÃO MALABARISTA

Mas se não fosse ele, também  
que graça que a vida tinha?

– Carlos Drummond de Andrade

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?

– Carlos Drummond de Andrade

## ÍMPAR MALABARISTA

O coração pasta  
na várzea do inexistente.  
Entre o futuro da hipótese  
e o pretérito perfeito  
o músculo se equilibra  
ímpar malabarista  
no fio do vazio.

## ATRAÇÃO

Basta um olhar  
para mergulho  
em imenso mar.

## LIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA

Mestre na lábia da conquista  
usava os vocábulos da paixão.

Eu mãos geladas trêmula  
o coração quase à boca.

Pela crença nas palavras  
castelos de nuvens construí  
nos alicerces das juras.

Até que o vislumbrei  
de costas, abraçadinho  
rosto colado, sussurrando  
ao ouvido de outra tola.

Saí de fininho, meus passos  
não os surpreendessem.

Soube então o que eram  
rapazes, o que eram palavras.

## DESERTO DOMÉSTICO

Moravam na mesma casa  
mas em variados mundos.

Viviam ao mesmo tempo  
mas em horários diversos.

Falavam a mesma língua  
mas em registros distintos.

Amavam idênticos objetos  
porém de modos opostos.

Em solidão se espelhavam.

## EM TERNA VIZINHANÇA

Ambos sempre perto  
não cortamos o deserto.

Ambos bem sedentos  
mas a léguas do oásis.

Fagulha alguma  
nos incendiou por dentro.

O fogo das folhas  
não aqueceu o outono.

Ilhas em paralelo  
perante um só horizonte.

Em terna vizinhança  
sem nenhuma ponte.

## AMOR CACTO

De nenhum trato  
fruto do acaso  
nasceu-lhe o amor cacto.

Embora sedento  
suporta o estio  
sem rega ou água do céu.

Tem paciência  
de semente  
desejo preso no peito.

A tudo desafia  
e mesmo sem troca  
tudo lhe brota.

Medra entre  
a falta de esperança  
a léguas do desespero.  
Forte até a morte.

Inteiro.

## SEGREDO

Camuflar o sentimento  
em camadas de recato.

Não deixar que a emoção  
transborde a concha do prato.

Cuidar que a avidez do mais  
não suste de vez o passo  
e a cobiça aflita acabe  
sendo embaraço ao abraço.

Contentar-se com o pouco  
e prudente, fazer disso



compromisso com o tesouro

futuro, o júbilo adiado

até que o outro perceba

e não mais seja surdo

ao rumor do amor oculto.

## PRECAUÇÃO

Guarda no âmago  
da garganta o encanto  
que dentro de ti canta  
embalado em silêncio.  
Não acordes em mim  
o que há tanto dorme.  
Não transformes em pélago  
caudal ou cascata  
o que em mim é poço  
ou sereno lago.

## CERTOS AMORES

Afirmo: certos amores  
são manhãs no infinito.

A luz em ritmo lento  
não conduz ao sol a pino.  
Certos amores se espraíam  
sem pressa assim sonolentos  
por intérminas estradas.  
Sossegam secretos. Dormem  
sob chaves de silêncio.  
Vacinação contra o efêmero  
recolhem-se disfarçados  
sob véus de negligência  
latejando na reserva.

Certos amores não crescem.  
Hibernam pura promessa  
de fogo a arder. Aguardam  
só que o fósforo do acaso  
risque a fagulha da chama.

## CORAÇÃO MAR

Coração imenso mar  
bate contra o cais do peito:  
a m a r a m a r a m a r  
A língua antiga melhor dizia  
em arcaico feminino:  
a mar, baixa-mar, preamar

## FUSÃO

Não te quero  
assim a meu lado  
e sim em mim.

De tal forma  
interpenetrados  
que eu deixe de ser eu  
e tu de seres tu.

Sejamos pois um nós  
singular e não plural  
trançados sem dó  
num só nó.

## CLÍMAX

Ao lado de um orgasmo  
que são palmas e aplausos?  
Da vida o espetáculo mor  
dá-se mesmo na alcova  
nunca em nenhum palco.  
É quando em lance de luz  
o vasto universo se reduz  
e próximo nos transpassa.

## UNIÃO

Na barriga da noite  
os corpos substantivos  
dialogam sem verbo.

A carne, palavra prima,  
canta sobre a cama  
a glória divina.

## MILAGRE

Trouxe-lhe o sol  
para o céu da boca  
e a noite se fez dia  
no horizonte do corpo.



## ENCONTRO SEM DATA

Do meu sonho de encontro  
sempre adiado, só posso dizer:  
Como será o abstrato abraço  
de corpos já sem braços?

## AMOR ALGEMA

Rejeita o amor algema  
cárcere privado  
cuidados fiscais.

Escravidão, nunca mais.  
Bastem os limites do corpo.  
e as fronteiras da alma.

Compra com a solidão  
o preço da liberdade  
e a vantagem aplaude.

## FRENTE A FRENTE

Ele me fitou  
sem poder ver.  
(Quarenta anos se foram)  
Acaso serei outra  
Tão surrada de tempo?

O que aconteceu  
à visão antes aguda?  
E ao visceral imã  
que nos aproximava  
e perturbava tanto?

Como fica  
a teoria de Proust  
onde o amor  
não desabrochado  
sempre persiste?

## NAQUELE VERÃO

Aconteceu no jardim, junto aos ramos  
de rubra papouleira toda em flor.  
Tentando me abraçar me derrubou  
no chão, sujando minha blusa branca.

Imprevisto tamanho me chocou  
rompendo a paz daquela noite quente.  
Rapaz fraterno e comedido, no entanto  
súbito transformou-se em touro bravo.

No corpo ao chão senti tremor de terra  
susto de fruta em tombo na cabeça  
ávidos lábios comprimindo os meus.

Faz tanto tempo e não posso saber  
se agora essa lembrança ainda o toca.  
Em mim, embora velha, ela incomoda.

## AMOR RECOLHIDO

Foi preciso a vacina da velhice  
para a bandeira pálida e rasgada  
de antigo amor ousares desfraldar

Foi preciso quarenta anos distantes  
para da boca arrancares mordaça  
deixando enfim o coração exposto.

Foi preciso a falência de esperança  
para te desnudares como quem  
comenta fato acontecido a outrem.

Foi preciso a coragem de alto porre  
para soltares águas represadas  
em profundos açudes e silêncios.

Antes de tudo foi preciso certeza  
da cinza, para imune à perigosa  
chama, falares sobre a extinta brasa.

## VALE A PENA CRER

A quem tem fome de afago  
o dilema incontornável:  
comunhão e compromisso  
ou liberdade e solidão.

Na interrogativa espera  
sob o jugo da aflição  
convém em consolo lembrar:  
os dias trazem surpresas.

O abismo é sobrevoável.

**ARREMEDIOS  
DE ALEGRIA**

Tudo o que vi e que vivi retomo  
e ao que o destino me negou eu somo

- Afonso Félix de Sousa

## **VIDA DE FATO**

Vida besta não te baste.  
Rasga a rotina em farrapos.  
A possível alegria  
desfrutá-la até o talo.



## PESOS DA VIDA

Facas perdem o fio  
fogueiras o fogo  
tristezas o riste.

Somos afeitos  
a suportar  
os pesos da vida.

Salve a rotina  
com a bendita sina  
de dissolver agruras.

O inferno não assusta:  
a inicial crueldade  
embora rude não dura.

## O FOGO DA VIDA

Sob a cinza  
a brasa cochila.

Guarda e aguarda  
o fogo da vida.

Venham  
ventos  
vendavais  
ventanias.

## RECURSO EXTREMO

No imenso deserto  
plantar um oásis  
regando de pranto  
tâmaras de sonho.

## VEGETAL

Não me arredo da terra.  
Vou com pés de raiz  
por ocultos caminhos  
e me esgalho, sou agasalho  
proteção no sol a pino  
chapéu durante o chuvisco.

Mesmo por imóveis gestos  
abraço com amor de folhas  
frutos e sombra ofereço.

De árvore, o pseudo sossego.

## PROXIMIDADE

A vida é perto. Inútil  
se espriar pelo azul  
imigrar rumo a lua.  
Longe moram desertos  
e junto jorra fonte  
bem maior que o mar.

## FRATURA DE ALÍVIO

Toda diferença jaz  
na demora da explosão.  
Hirtas, elas desconhecem  
a sofreguidão dos homens.  
Têm a paciência dos séculos  
e a lentidão dos milênios.  
Até que um dia se acaba  
a harmonia de fachada  
e dá-se a incrível fratura  
para que o alívio se instale  
ante a inviável costura.

As rochas que nem pessoas  
acumulam as tensões.

## MULHER

Em teu corpo o corte.  
Porta de saída e entrada  
para a espécie dos homens.

Em tua gruta o acesso  
tanto a falos eretos  
quanto a futuros fetos.

No sacratíssimo altar  
entre colunas de pernas  
o cofre da vida encerras.

**SUGESTÃO:**

Assuntar a chuva  
na cútis da poça

Assuntar o vento  
no tremor da folha

Assuntar o amor  
sob a flor da boca

Assuntar a dor  
no chão do corpo

Assuntar o tempo  
no ombro do homem

Assuntar o eterno  
no sótão do céu



## DE MÃO BEIJADA

O mel que a vida me deu  
nunca foi por mim sonhado.  
Chegou assim de improviso  
e arrebatou-me de espanto.  
Chegou sem nenhum atraso  
em boa hora aprazada  
que nem milagre do céu.

O mel que a vida me deu  
não foi por minha conquista  
sequer por mérito meu.

(Nunca arregacei as mangas!)

Chegou-me de mão beijada  
só gentileza de Deus !

## VENTO

Só os autossuficientes  
ou anestesiados loucos  
torcem a cara ao vento  
    rejeitando  
    o beijo da brisa  
                    no rosto  
o invisível abraço  
                    no corpo.

## OS VENTOS

Aves sem asas  
viajam invisíveis  
selvagens ou mansos.

Namoram nuvens  
nômades.

Farejam faróis  
afastados.

Alcançam torres  
perdidas.

Varrem cidades  
esquecidas.

Franzem águas  
de tanques.

Levantam  
ondas e dunas.

Assobiam  
sustenidos.

Alvoroçam copas  
hastes e relvas.

Carregam chuvas  
derrubam frutas

Balançam bandeiras  
nos mastros e  
lençóis nos varais.  
Abrem portas e janelas.  
Arrancam chapéus  
e arrepiam cabelos  
até que se somem  
no sovaco da terra  
calados serenos.

Resta na epiderme  
a lembrança  
do sopro leve.

## EXERCÍCIOS DE FINITUDE

Para Albano Martins

Avizinhar-me  
das coisas frágeis e breves.  
Aprender com o voar de aves  
tombar de folhas e pétalas  
adeus de neves ao sol.

Menosprezar  
a persistência dos ossos  
dura presença das pedras  
carne eterna do mármore  
tardo tempo dos metais.

Entregar-me  
à pressa dos arcos íris  
ao piscar dos relâmpagos  
vaivém de ventos e nuvens  
chuvas em curtas visitas.

Agradecer  
a ausência de rotina  
essa morte mascarada  
e, livre de qualquer luto  
plena de júbilo, colher  
o dom de cada minuto.

## LONJURA DE ESTRELAS

Dai-me, ó Deus, lonjura de estrelas  
a fim de que o mundo míngue  
vire bola de bilhar  
e mínimas sumam as coisas  
levitando evaporando.  
A proximidade esmaga:  
paquiderme preso às costas  
caçamba de inúteis tralhas  
montanha sobre as espáduas.  
Colai em mim vastas asas  
que me levem à estratosfera  
alçando-me sem parar  
no alto ar léguas e léguas.

## DE OLHOS FECHADOS

Para Alfredo Perez Alencart

Deus me livre de ser sensata  
sonhando só de olhos abertos  
com o plausível e o razoável,  
a covardia do que está perto.

Quero sonhar de olhos fechados  
o que jaz na esfera divina:  
a ressurreição de meu pai  
de meu menino e meu amado.

Quero a reconstrução da casa  
onde cresci e hoje é lembrança  
o calendário em retrocesso  
o regresso da mocidade.

Que não me baste viajar  
às paisagens de Bélgica e Síria.  
Quero as de Betelgeuse e Sírius  
o louco périplo dos ventos.

Sonho ver as pessoas por dentro  
sem máscaras e sem escudos.  
Ter enfim na palma das mãos  
o que já me escorreu dos dedos.

Chegar ao momento sagrado  
da revelação dos segredos  
além de terrestres fronteiras  
e destes meus olhos abertos.

Recuso o sonho paralítico  
navio no porto, égua na baía.  
Dai-me, ó Deus, o sonho emplumado  
de infindas altíssimas asas.



## SURPRESA

Junto a mim, em plena rua  
a multidão desmorona.

Dos velhos quintais da infância  
Flavinha me surge alegre  
com suas tranças de ouro  
e vestido rosa organza.  
Frente a nós um meio século  
em puro milagre se eclipsa.

Falamos do instante presente  
e do presente do instante.  
Sorrisos leves, felizes  
como se pulássemos corda  
ou passeássemos de barco  
no espelho do Rio Negro.

## PLENITUDE

Pleno sonho eu me vestia  
com o tapete flor de jambo  
e em andor de sândalo ia  
mundo afora levitando  
cantando na aurora junto  
a pássaros furta-cores  
me tocando com o veludo  
reluzente de suas plumas.

Eu libélula, voava  
sobre o rio que me bebia  
quando minha blusa bruma  
evaporando me despia.  
Era quando eu gargalhava  
vendo estrela que morria:  
pois eu, fria, cintilava.

## OLHAR À DISTÂNCIA

Estendo sobre as coisas  
um olhar desde o futuro.  
Penso: daqui a mil anos  
qual será o rosto do mundo?

Glórias perderão seu brilho  
tragédias a foice do pathos  
belezas seu esplendor.  
O monumental minguou.

Então será natural  
achar a própria medida:  
saber-se simples formiga.

## ANJO NA RUA

De que nuvem  
baixou o anjo ali  
na esquina?

Miragem? Milagre?

Em carne e osso  
arregaça as asas  
às vésperas do voo.

Que faz ali o anjo?

Amável surpresa.  
A sina da paciência  
ensina perseverança.

Sob calor e mãos de tinta  
sob suor e pele metal  
espera as miúdas moedas.

E sorri ante o espanto  
do menino deslumbrado:  
Mamãe, olha o anjo!

Mas fica imóvel embora  
o homem/sanduíche se agite  
entre cartazes/fatias.

## DECLARAÇÃO DE AMOR

Para Giles,  
filho abduzido por Deus

Os outros não sabem.  
Convictos da ausência  
de teus sinais aparentes  
pensam: partiste de vez.

Mas eu que aprendi a  
sentir além dos sentidos  
contesto o falso vazio  
do vasto lado de fora.

Sei que permaneces dentro  
de mim recolhido em  
devaneio e memória.

Sei que só irás embora  
junto comigo, na hora  
do meu tão próximo adeus.



## • UMA MENSAGEM EM AZUL •

Querida Astrid,

Enfim concluí a travessia. Teu livro é um rio de águas nervosas – ora envolto por remansos, ora despenhando feito corredeira. Ora embanzeirado, ora silencioso feito um entardecer. Solimões e Negro se transfirguram no teu canto tão prenhe de humanidade, aceitação e perplexidade. Memória, vida e esquecimento combatem para que a palavra se abra como flor – ainda que corroída pelo tempo e pelas dores. “Coração em réquiem” é uma transfiguração desse desassossego e, ao mesmo tempo, dessa trágica constatação de que a existência é devir – é tempo e morte – mas também vida inapreendida. Embora seja inapreensível e inevitável. Como bem percebeu o velho Hesíodo: o existir e o não existir se tencionam para trazer à luz a humana condição e seus mistérios. É do estrume do nada que nasce a poesia – esse grito que lacera a boca, o coração e a alma do poeta. Entre o ser e o não ser nos revelamos:

Ventos sopraram com fôlego  
águas baixaram em fúria.  
Do esplendor desnudas  
flores tombaram murchas.

Sob o abraço cru dos galhos  
espoliados das folhas  
ante as marcas do massacre  
da violência voraz  
meu coração jaz em réquiem.

Teu livro não poderia ter título mais expressivo. “Fulgigem” diz o que precisa ser dito sobre o carpir do tempo – esse moinho que macera, quebra e esfarela tudo, transformando as coisas, sentimentos, ilusões em poeira e pequenas partículas que evocam a diluição de tudo... as ruínas, as fraturas. Toda nossa certeza cai por terra diante dessa constatação inapelável: o pó, a inconstância e as perdas definem a natureza de tudo – sentimento e matéria não escapam a essa lógica atroz. Tudo é inevitável e o nada em sua voracidade é temporal no rio – bicho furioso que devora os barrancos, as samaumeiras, as pequenas embarcações e os sonhos dos caboclos e suas miragens. Somos como um Maguari “De asa quebrada” voando sobre a superfície do rio:

A dor me faz tocar  
os ossos da alma.  
Tudo o mais se cala.  
Falar já não cabe.  
A mudez disfarça  
a ausência, o nada.



O que tenho a dizer  
resta em puro silêncio  
no deserto do papel  
súbito oásis a acolher  
minha surda voz  
viúva do baile.

Demorei no embate com essas águas de que é feito esse teu cantar crepuscular. Foi difícil porque ecoaram em mim –, pois já ouço já não tão longe esse canto que se diz pelo silêncio, pela ausência e pela solidão. “Íntima fuligem” é um livro assustador – espelho tomado de lodo e esmaecido pelas vidas que lhe subtraíram o lume. Tudo está invisível nessa superfície opaca e se revela por meio desses versos elegíacos:

Menina busco o pai  
nos campos da insônia.  
Subo em alto balanço  
roçando as nuvens  
e nunca o alcanço.

É inútil o retorno. A infância é um porto em ruínas – dele só restam as imagens que se refletem de forma prismática nas dobras da memória – fraturas do espelho da consciência, já cansada pelos anos e submersa pelas águas negras do tempo. Nem o quintal da infância sobrevive a esse dilúvio de morte e esquecimento: geografia, domicílio, o lugar de origem... transformam-se em matéria aérea, impalpável e inexpressível. Resta-nos, com a resignação dos homens e mulheres habitantes da várzea, esperar a chegada das águas – o rio com sua sede e fome de terra, folhas, árvores mortas,

bichos afogados e ate gente. E o rio sempre vem inapelável  
em sua certeza metafísica:

O dia em que o rio veio  
se deitar em meu quintal  
estendendo seu lençol  
sobre as tábuas do soalho  
não arrancarei cabelos  
nem torcerei as mãos.  
[...]

Permanecerei na casa  
na em barco transformada  
os pes afundando n'água.  
O horizonte me convida  
a transpassar o umbral  
e trocar de morada.

Resta-nos o que sempre restou àqueles que seguem sob  
a luz da lâmpada da aflição e da consciência do mundo: a  
proteção do coração e do ser:

Longe o ledo tempo  
de inocente conforto.  
Hoje envergo escudo  
no peito outrora aberto  
a insuspeitos espinhos.

Existir e beirar abismos.  
Qualquer dos caminhos  
e ponte sobre o pelago.

Querida, escrevo em azul para celebrar a ti e tua poesia. Estás viva e escreveste um livro profundo, humano e doloroso.

Manaus, 25 de setembro de 2017.

Tenório Telles<sup>2</sup>

---

2 Tenório Telles é editor, poeta e autor de *A derrota do mito, Viver e Canção da esperança & outros poemas*.

**NOTA SOBRE  
A AUTORA**



ASTRID CABRAL [FÉLIX DE SOUSA] nasceu em Manaus, no dia 25 de setembro de 1936. Participou ativamente na juventude do movimento literário em Manaus, fazendo parte do Clube da Madrugada, o mais importante movimento de renovação da literatura no Amazonas. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Letras Neolatinas. Professora da turma pioneira da Universidade de Brasília, teve sua carreira interrompida com o golpe militar. Com seu ingresso no Itamaraty, em 1968, serviu como Oficial de Chancelaria em Brasília, Beirute, Rio de Janeiro e Chicago. Com o processo de redemocratização e a Anistia, foi reintegrada à UnB, em 1988. Esposa do poeta Afonso Félix de Sousa, foi incansável nos cuidados com a família,

com seus afazeres profissionais e sua criação literária – da qual resultaram um conjunto de obras expressivo da literatura contemporânea brasileira. Estreou em 1963 com o livro de contos *Alameda*. Sua produção poética é composta por *Ponto de cruz*, *Torna-viagem*, *Lição de Alice*, *Visgo da terra*, *Rês desgarrada*, *De déu em déu*, *Intramuros*, *Rasos d'água*. Em 2016, em comemoração aos seus 80 anos, foi publicado *Mínimas*, reunião de narrativas curtas.



.....  
Este livro foi impresso em Manaus, em  
outubro de 2017. O projeto gráfico -  
miolo e capa - foi feito pela **Editora  
Valer.**



É a infância quem traz: "Não tenho mais quintal. / Foi-se o da infância". É sob a forma circular que decorre a poesia de Astrid Cabral. A velhice encontra a infância no encontro do círculo, como nos dizem Saramago (*O evangelho segundo Jesus Cristo*) e Jankélévitch (*La mort*). Há momentos veementes de reencontro, outros de solidão intensa.

E não se pode misturar ou substituir o que satisfaz o corpo e o que regozija a alma. Mas, poeta, não é verdade que um alegre ou entristece o outro? Pouco importa se assim é ou não é, porque aqui se fala da solidão causada pela ausência do "outro", este que tem corpo, que preenche, que sacia, que acalma, que alimenta.

"A dor costura qualquer criatura". Este livro tem como ponto solar a velhice, em cada verso é para ela que nos conduz a poeta, e insistentemente. Quando lemos um verso contundente como o verso destacado, voltamo-nos para o nosso "dentro" e, então, percebemos que se trata de nós, desnudos diante da Palavra, que não tem olhos, tato, audição ou voz, mas algo indizível e incontável.

Agradeçamos aos Deuses por terem colocado no nosso caminho a Deusa Memória e as suas filhas – as Palavras Cantadas. É a memória essencial à Arte, principalmente àquela que se transforma em poema. Também regozijemo-nos com a fantasia, o devaneio, que forçam e racham o terreno duro da razão, para trazerem-nos alento.

Neiza Teixeira

Autora de *Para alguém ou para além de nós...*



...

Já viste pássaro  
ter raízes?

Já viste árvore  
ter asas?

Já viste peixe  
ter voz?

Olha pra mim.

9 788575 128466



ISBN 978-85-7512-846-6

**VALER**  
EDITORA